

Oráculos de Adélia

Oráculos de maio

Adélia Prado

[Siciliano, 1999, 142 p.]

José Hélder Pinheiro Alves

Há vinte e três anos a poeta mineira Adélia Prado vinha a público com *Bagagem* causando um grande impacto na cena literária. Nesta obra de estréia, publicada aos quarenta anos, a autora parece já amadurecida e ciente das experiências significativas que lhe solicitam um esforço de simbolização.

O universo poético de Adélia Prado, aparentemente restrito à experiência de uma mulher numa cidade pequena, é amplo e aborda questões importantes que suscitam reflexões. As imagens e os espaços presentes em sua poesia quase sempre estão próximos de uma experiência interiorana e seu modo peculiar de vida. Especificamente, o interior de Minas, a intensa vida religiosa com suas liturgias, seus grupos paroquiais, suas procissões e tudo de miúdo que possa surgir daí. Há também o espaço menor da casa e da cozinha; o sabor da comida, a presença de um cão, compondo um cotidiano de onde emergem momentos de grande alegria ou desconsolo. Dentro de tal contexto, não poderíamos esquecer os filhos, os vizinhos e muitas outras vozes que ecoam na voz da poeta. Dialectizando tudo isto, a presença da memória: o pai, imagem meio mítica nos três livros iniciais, com sua binga (tabaqueira de chifre), seu silêncio e bondade; a mãe que morreu cedo e tinha pernas bonitas; e tantos outros que se foram. A presença da memória tensiona a poesia do cotidiano de Adélia e nos traz, em seu bojo, um tema marcante que é a lem-

brança da morte – “Antes e depois da fé eu pergunto cadê os meus que se foram,/ porque sou humana, com capricho tampo o restinho de molho na panela” (“Desenredo” *Coração disparado*).

A fé de Adélia – de dar inveja a vigário, como destacou certo crítico – também traduz momentos de perplexidade e sensações de abandono (veja-se “À soleira” *Terra de Santa Cruz*). Às vezes, a certeza é contaminada pela dúvida, por um desejo de confirmação, cujo contraponto se revela na permanência da convocação (os vocativos figuram em todos os livros) e, por fim, em nova afirmação da fé. Não se trata, portanto, de uma fé ingênua. Em alguns momentos a sua vivência se aproxima de Jó, personagem bíblica que povoa toda a sua poesia. Deste núcleo (fé, perplexidade, sensação de abandono) eclode o contraponto: a busca da alegria é ameaçada constantemente pela tristeza e pelo desencanto. A representação exata dessa tensão, apoiada em imagens alusivas e encarnadas na vida, está no poema de abertura de *Bagagem*: “Minha tristeza não tem pedigree/ já a minha vontade de alegria,/ sua raiz vai ao meu mil avô”

Além do cotidiano e da experiência religiosa, vale destacar a sua reflexão sobre o fazer poético. Adélia não prima pelos jogos de palavras ou pela reflexão infundável sobre a linguagem. Aponta, antes de tudo, para sua linhagem, para a rica experiência humana que a precedeu e que carrega dentro de si. Por isso, suas reflexões sobre a poesia estão

sempre articuladas à experiência religiosa, à vida cotidiana e ao erotismo (veja-se “Grande desejo” *Bagagem*; “Linhas” *Coração disparado*; “Uns e outros nomes de poesia” *Terra de Santa Cruz*).

Quanto ao erotismo, um aspecto que instigou muitos leitores foi sua proximidade do sagrado. Para ela o erotismo é sagrado – e também sacramentado. Um verso do poema “Sagração” de *Terra de Santa Cruz*, nos fornece um indicativo do modo como aproxima a experiência erótica da sagrada: “As vibrações da carne entoam hinos” O amor – não só o erótico – foi amplamente cantado por Adélia, sobretudo em *Bagagem*, que tem uma de suas partes intitulada “Um jeito e amor” Poemas como “A maçã no escuro” de *Coração disparado*, e “Casamento” de *Terra de Santa Cruz*, revelam o alcance de sua poesia erótica ao representar os estremecimentos do corpo.

Outra marca de sua poética, até então pouco observada pela crítica, é a representação de determinadas experiências em que procura conservar um certo encantamento mítico. São poemas em que a natureza comparece intacta, como que apreendida pelas sensações do eu lírico. Os elementos que dão suporte a esta representação são os quintais com seus canteiros, hortas, plantas e animais domésticos; os jardins e suas flores; certos momentos do dia e da noite são como que suspensos e contaminam o corpo que fica “ericiável” (veja-se “Roça” *Coração disparado*; “A hora gra-

fada” *Bagagem*). Não esqueçamos que a própria autora já declarou: “Quero o que antes da vida/ foi o profundo sono das espécies./ a graça de um estado. (“Exausto” *Bagagem*)

Feita a apresentação de algumas das grandes linhas temáticas de sua poesia, somos tentados a pensar que não há diferenças básicas entre os seis livros publicados. O que se pode afirmar é que o que virá depois de *Bagagem* já estava lá de um modo ou de outro. Adélia não superou seu primeiro livro. Nem me parece que isso fosse necessário. Para mim, é sua obra mais completa. O que não retira o valor e as peculiaridades dos livros posteriores. Há temas que encontram uma realização estética mais adequada neste ou naquele livro e, em todos eles, a poeta aparece inteira com seus temas, seus ritmos, seu tom coloquial, seus poemas com sabor de conversa de cozinha e com enganosa despretensão. Se *Coração disparado*, o segundo livro, é quase um desdobramento de *Bagagem*, no estilo farto em imagens, falas, personagens, em *Terra de Santa Cruz*, o terceiro, predomina um profundo desconforto diante do sofrimento. A fome, a miséria, a doença, a perda dos entes queridos são representadas de modo pungente, embora a esperança não se perca em nenhum momento. Já *O pelicano*, onze anos após sua estréia, traz um tom mais leve. Não há ausência da dor, antes uma dicção mais suave dando forma às tensões. *A faca no peito* não parece oferecer ao leitor nenhuma peculiaridade. Merece destaque “A formalística” vazado

num tom irônico, através do qual a autora demonstra ter plena consciência das particularidades que envolvem o seu fazer poético.

Após um longo intervalo sem publicar poesia, Adélia nos oferta *Oráculos de maio*. Um olhar rápido, confirma as linhas temáticas e procedimentos estilísticos presentes em obras anteriores. No entanto, algumas novidades se apresentam, quer no tom que recorta velhos dramas revisitados, quer na representação de vivências inéditas, da mulher agora sexagenária. Os cinqüenta e oito poemas que compõem o livro estão distribuídos em seis partes. Uma delas me parece mais significativa: “Cristais” Aqui Adélia nos brinda com seis poemas encantadores, todos com um sabor de haicai. Mas a proximidade da forma japonesa não se faz pelo mero jogo de palavras que recheia grande parte da produção deste gênero entre nós. A experiência humana e suas dores estão ali, naqueles segundos de poesia, e se articulam à obra como um todo, com indiscutível poder de síntese. O poema “No bater das pálpebras” nos traz o que denominamos anteriormente caráter mítico do resgate do instantâneo; “À mesa” nos reporta ao tema do amor e da dor; o reencontro com a experiência do sagrado está em “A convertida” construído com imagens isoladas em cada verso que nos remetem a várias modalidades de sua poesia religiosa; a reflexão sobre as dificuldades de expressão e sua difícil alquimia está expressa em “Arte”; “No céu”

revela esperança noutra vida sob modelo mais humano, retornando ao universo da fé – vale lembrar que a imagem do “céu” comparece em diferentes poemas. O último deste bloco de cristais, “Mitigação do poema” aponta, mais uma vez, para a condição humana, marcada pelo sofrimento.

Leio esses cristais como um momento de forte densidade do livro, espécie de condensação lírica das várias faces de sua poesia. “Oráculos de maio, que dá nome ao livro (e que belo título), tem nas formas breves sua melhor realização. Aliás, é nos poemas curtos que Adélia fixa as imagens e condensa seu recolhimento reflexivo. Como fugir ao encantamento místico que consegue expressar em “Sinal no céu”? Ao visitar o motivo da rosa, enfatiza, em “Teologal” o seu “destino arquetípico”

Como praticamente em todos os seus livros, o poema de abertura indica sempre um caráter de poética. “Por que só eu devo tomar navios/ de rota que não escolhi?” pergunta o eu lírico e a seguir expressa seu desejo: “Ó Deus,/ me deixa trabalhar na cozinha,/ nem vendedor nem escrivão,/ me deixa fazer Teu pão” O cansaço não a paralisou, mesmo porque esperança é palavra essencial para Adélia que na obra inaugural já sentenciava: “Por prazer da tristeza eu vivo alegre” (“Atávica”). Mas, agora, até o cansaço é matéria da poesia. Nestes *Oráculos de maio*, quando ela se volta para o cotidiano e constrói o seu vitral de cenas, gestos e falas, o poema alcança um nível de realização estética superior.

É o que ocorre em “Mural” um dos mais representativos do conjunto. Compare-se “Orfandade” de *Bagagem*, com “Pedido de adoção” de *Oráculos*. Se o primeiro tem um ritmo intenso e um tom de súplica e inquietação, o segundo está mais pacificado: “Ó meu Deus, pensava/ que só de crianças se falava:/ as órfãs. Esta tentativa de serenização é a marca do livro e havia sido anunciada em *O pelicano*.

Outro aspecto que também merece destaque é a chegada da velhice. A preocupação com a passagem do tempo sempre esteve presente em sua obra. Porém, o que em *Bagagem* era ensaio (veja-se “Invenção de um modo”) aqui começa a se tornar realidade: “Mas esta velha sou eu,/ minha mãe morreu moça,/ os olhos cheios de brilho,/ a cara cheia de susto” (“Pedido de adoção”).

Não me parece equivocado dizer que Adélia reencontra nos *Oráculos de maio* a sua melhor poesia, que tinha ficado comprometida em *A faca no peito*. Ao reiterar a consonância desta obra com as anteriores, desejo encarecer o valor de *Oráculos de maio*: um verdadeiro reencontro da poetisa com seu universo cotidiano de onde recolheu suas melhores peças líricas.

José Hélder Pinheiro é doutorando em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo, professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal da Paraíba e autor de *Poesia na sala de aula* [Ideia, 1995].